

## Ainda estamos vivos? Migrações infantis e educação em tempos e espaços de (des)encontros

“A criança ficou órfã,  
Faleceu o irmão querido,  
A cidade era só chamus,   
A mulher perdeu o marido.

Do país nada chegava,  
Só rumores sem valia,  
Mas em terras lá no leste  
Estranha história se ouvia.

Com a neve foi chegando  
A notícia do oriente:  
na Polônia uma cruzada  
infantil era nascente”.

[...]  
(Bertolt Brecht)

Polônia. 1939. Israel. 2023. Quais fios ligam o holocausto contra judeus, minorias étnicas e comunistas do início do século XX e a perseguição ao povo palestino do século XXI? Tempos outros, espaços outros, violências humanas. Violentas formas de viver. Quando este dossiê foi pensado, gestado e, inicialmente, organizado, em nós, pairava o incômodo de um mundo que forçava grupos humanos e, com eles, os bebês e as crianças pequenas a se colocar em movimentos, buscar fugas, achar caminhos em territórios outros que pudessem ser um chão de mais segurança para o viver. Naquele momento, dizíamos: é preciso escrever sobre isso! Sobre essa condição! Não que nunca tivessem escrito sobre tal tema, sabemos de muitos outros textos que também abordam as migrações infantis, mas desejávamos marcar essas cruzadas das crianças. Ainda havia (e há) muito a se dizer. Passados meses desde nossos primeiros encontros e conversas, no momento da publicação desta revista, somos assaltados com imagens, notícias de violências e violações (não há violência sem violação) dos acontecimentos no Oriente Médio. Milhares de vidas perdidas, milhares de bebês e crianças assassinadas! As relações geopolíticas internacionais superam, mais uma vez, o direito a existir em humanidade.

Os artigos que compõem este dossiê sobre migração, refúgio, deslocamentos nos convidam a pensar como os problemas econômicos e políticos são atravessados pela questão cultural e educacional. As guerras aparecem na história da humanidade de muitas formas, mas sempre atreladas às disputas de poder econômico, político, religioso e territorial. Cidades e vilas em chamas, escombros, mortes, vidas em rompimento, cheiros, sons e imagens constituem-se como as enunciações do trágico.

Entre cenas dantescas que arrasam o presente e que encurtam o futuro, encontramos milhares de crianças mortas, ensanguentadas, tragicamente degoladas como expressão da limpeza étnica promovida por Israel. Segundo a Unicef, em 21 de novembro de 2023, contabilizaram-se mais de 5 mil crianças mortas em Gaza. Impossibilitadas de migrar e de se refugiar em territórios para além da Faixa da Gaza, muitas sobreviventes são cercadas e tidas como reféns, prisioneiras e separadas de suas famílias. Em meio aos escombros, civis migram ao Sul em busca de refúgio e padecem como iscas de uma guerra desproporcional, cruel e inaceitável. Que futuro nossa sociedade reserva às crianças sobreviventes desta espécie de holocausto sionista israelense? Que esperança e possibilidade de futuro terão os sobreviventes palestinos? Será possível imaginar que sobreviventes solitários irão acreditar num mundo pacífico e diverso, cultural e religiosamente, entre judeus, sionistas, palestinos e muçulmanos no futuro? Como não nos indignarmos com a cena amplamente televisionada de uma criança que emerge dos escombros em Israel e, surpresa, indaga: eu ainda estou viva? Em uma frase de uma criança, porta-se toda a brutalidade do viver humano para com os outros em um mundo que deveria ser um porto seguro para as novas gerações. Sua pergunta ressoa em nós, fazendo-nos questionar: ainda estamos vivos?

Como fechar os olhos para um território em disputa cujas leis são diferentes para crianças palestinas e israelenses? Do mesmo chão brota a diferença que busca justificar a violência daqueles que as promovem. Enquanto a maioria penal de israelenses se dá aos 18 anos, a de palestinos ocorre aos 12 e, assim, crianças são condenadas, criminalizadas e encarceradas numa verdadeira ação supremacista, imperialista, colonialista. O cercamento do povo palestino impede o acesso à comida, aos materiais básicos de saúde, higiene, escolarização. Impede o trânsito, a fuga, a migração, o refúgio.

O holocausto de 1939, que dizimou cerca de 1,5 milhão de crianças, não é justificativa para a tragédia atual na Palestina. Suas origens remontam aos 75 anos de perseguição e bombardeio ao povo palestino por sionistas israelenses. Se é verdade que Israel é condenado por crime humanitário em todos os tribunais internacionais, também é que sua violência colonialista e supremacista recebe apoio bélico, econômico e político dos Estados Unidos da América. Nenhuma guerra, conflito se faz isoladamente. Desde que os projetos coloniais expandiram o planeta para uma escala global, qualquer evento, por mais que pareça local, nunca o é. É sempre parte de um jogo em grandes escalas que ignora (ou usa) a vida do outro para suas ações e justificativas.

O dramaturgo alemão Bertold Brecht, no início do século passado, em meio à Segunda Guerra Mundial, percebe movimentações e fugas humanas desesperadas e despedaçadas, a *Kinderkreuzzug*. Foi com esse termo que Bertold escreveu, em seu idioma natal, o alemão, a narrativa-documento, que teria traduções para vários países, inclusive os de língua portuguesa, e recebeu o nome que escolhemos para inspirar este dossiê: **A cruzada das crianças**.

Entendemos que uma cruzada **das** crianças teria que ter a escuta e a participação ativa efetiva dos sonhos, dos desejos, das fantasias, dos afetos infantis. Não teria morte, separação, dor, expulsão, cárcere, exploração, opressão, perseguição, como presenciamos cotidianamente nas notícias *on-line* e nos artigos organizados neste dossiê. Eles expressam uma cruzada na infância e não das crianças.

O texto, escrito no ano de 1941, período em que o dramaturgo se encontrava exilado nos Estados Unidos, viria a ser mais uma denúncia da vida das crianças durante a Segunda Guerra Mundial. Contudo, tinha, também, um outro caráter, era a retomada de uma história que o autor já conhecia: a cruzada das crianças do ano de 1212, séc. XIII, momento em que um grupo de crianças rumou em direção à Jerusalém, na guerra para libertar a Terra Santa. Em diálogo, diferentes espaços e tempos que se cruzam por envolver a infância em movimento e que conectam a cruzada de outrora com o genocídio palestino do presente.

Na retomada do termo – cruzadas – somos alertados/as por Brecht que essas mobilidades, esses deslocamentos, nos quais estão envolvidos bebês e crianças, são

presenças nas muitas histórias e geografias que forjam a própria humanidade. A aparente estabilidade e permanência das relações sociais revela um frágil e falso equilíbrio, que, ao se romper, permite emergir, no tempo e no espaço, formas inaceitáveis de vida. Em um sentido análogo, podemos considerar também uma cruzada a marcha de Janus Korczack com as duzentas crianças do orfanato em marcha, formas desumanas de cortejos, entre Varsóvia e o campo de extermínio de Treblinka?

Difícil não recordar do álbum “Êxodos”, de Sebastião Salgado (2000), com o qual o autor, com 60 imagens em preto e branco, produzidas durante seis anos por meio de visitas a cerca de 40 países, denuncia o drama de refugiados da África, das Américas e da Ásia. Sua exposição revela a migração e o refúgio como a ponta de um imenso *iceberg*. Na mesma direção do que argumentamos, o fotógrafo brasileiro expõe, nas imagens, pessoas obrigadas a deixar a terra natal por questões econômicas, políticas e religiosas. Com base em suas imagens, o autor pergunta: **“Como é possível uma criança sorridente representar o infortúnio mais profundo?”**. Sua pergunta é originada pelos mesmo motivo deste dossiê: as várias crianças presentes entre as dantescas movimentações humanas e que desejavam participar ativamente e serem escutadas. Nas cenas reais que inspiraram o álbum “Êxodos”, de Sebastião Salgado, elas pediam para serem fotografadas.

Quantas outras cruzadas/êxodos poderíamos narrar? Cruzadas que se fazem em muitas paisagens, em travessias oceânicas, em desertos, em terras devastadas por crises econômicas, políticas, desastres naturais e outros eventos, que, em suas diferenças, possuem em comum um verbo que se faz em vida: cruzar. Poderíamos lembrar, por exemplo, as muitas narrativas presentes na literatura brasileira, como em “Vidas Secas”, romance de Graciliano Ramos, cuja primeira publicação data de 1938, que narra a travessia de Fabiano e Sinhá Vitória pelas terras assoladas pela seca no interior do Brasil. Junto com eles, estão a cachorra baleia e seus dois filhos, crianças em movimento! Os títulos dos capítulos anunciam, por si sós, como a esse verbo se juntam outros termos no mesmo campo semântico. Lembremos apenas o primeiro e o último: “mudança” e “fuga”. Destacando outra obra, podemos lembrar as memórias de infância, de José Lins do Rego, no livro intitulado “Meus verdes anos”, publicado originalmente em 1956, que traz a seguinte narrativa:

A vida real do engenho girava sobre os invernos. Região seca nas proximidades da caatinga, tudo no Corredor dependia do bom ou do mau inverno. As secas puxadas podiam até extinguir as sementes de cana. A maior, a que dera a meu avô momentos de desespero, foi, se não me engano, a de 1907. Sei que nem havia farinha nas feiras por preço nenhum. A calamidade atingira o Corredor em cheio. Aparecera a chamada “farinha do barco” trazida do sul do país em navio. Só comia dela o povo, para não morrer de fome. Era grossa e azeda. Os trabalhadores apareciam de olhos fundos. A gente de Crumataú descera para o refúgio do engenho parado. O meu avô pagava um dia de serviço com uma moeda de cruzado. E dava mel de furo ao povo. A destilação parou de fazer cachaça para que a matéria-prima servisse de alimento aos necessitados. Desciam do sertão pela estrada levadas e levadas de pobres famintos. Pela primeira vez vi de perto a fome. Meninos nos ossos, mulheres desnudas e homens arrastando-se sem forças. No outro dia partiam para a capital. Muitos falavam do Amazonas e do Acre. (Rego, 1957, p. 16)

Foi mirando para esses enunciados de cruzadas, de retirantes, de refugiados, de migrantes que afetam/atravessam as infâncias que fizemos nossa escolha para pensar e sistematizar a proposta deste dossiê. Tratamos de crianças reais, crianças de carne e osso, (des)localizadas em um mundo insaciável por dinheiro, poder, território e que vagueiam pelo mundo. A opção em replicar o título criado por Brecht para este dossiê tem, para nós, um caráter ético, estético e político: o reconhecimento de que esses deslocamentos infantis se intensificaram com a crise estrutural do sistema capitalista (Mészáros, 2001).

Segundo a ONU (2021), cerca de 272 milhões de migrantes internacionais cruzaram fronteiras em 2019 e esse número tem crescido a cada ano. Ao chegarem ao país de destino, trabalham em condições difíceis, submetem-se aos mais baixos salários e sofrem diferentes formas de racismo, exploração e violência. Jacob Soborof, em seu livro “*Separated: Inside an American Tragedy*”, descreve milhares de situações em que crianças migrantes, desde 2016, são encarceradas nos EUA. Durante a pandemia de covid-19, 545 crianças presas (60 delas menores de 5 anos) não conseguiram encontrar mais os pais já deportados para a América Central. Quais serão os números finais de crianças órfãs, degoladas, separadas, raptadas, assassinadas em Israel?

Por isso, mesmo considerando semelhanças e diferenças entre as tragédias do passado e as atuais, emprestamos de Brecht o título “A cruzada das crianças”. Vidas em movimento, muitas mortes, separações, esperanças, desesperanças, perdas, encontros e muitos desencontros... O alargamento do fenômeno atual acompanha uma calamitosa certeza: as crianças continuam em cruzadas. Muitas solitárias, exploradas, violentadas, encarceradas, perambulantes, sem terra, sem pátria, sem casa. Infâncias em movimentos cujas legislações internacionais, que

deveriam ser proteção, nunca chegam às suas vidas. Parecem mais águas jorradadas em cestos...vazados para que escorram, atos responsáveis daqueles que escolhem carregar peneiras furadas ou cuias que podem saciar a sede alheia.

No primeiro manuscrito, intitulado “Crianças Mangues, Crianças Praças e Crianças Ruas: quando as paisagens se fazem em corpos infantil: espaços albergues para (algumas) infâncias. Contribuições da Geografia da Infância aos deslocamentos forçados infantis”, Jader Janer Moreira Lopes e Ambika Kapoor refletem sobre as variadas infâncias que habitam este planeta e as relações com o espaço em que vivem. Partem do reconhecimento de que o espaço é uma importante linguagem e que apresenta estreitas relações com a formação humana, incluindo, aí, os bebês e as crianças. Pautados nos estudos da Geografia da Infância, olham as crianças em movimentos e em deslocamentos forçados. Para isso, refletem sobre o conceito de vivência (*perijvanie*) e de vivência espacial (*prostranstvennoe perejvanie*) desde autores da Teoria Histórico-cultural. Em um segundo momento, dialogam com as narrativas espaciais de algumas crianças, em especial, as crianças que vivem nas ruas da cidade de Nova Déli, Índia, tendo por base pesquisas feitas em anos anteriores, sistematizadas em forma de texto acadêmico. Finalizam reafirmando a importância de se considerar o espaço nessa vivência. Além dos teóricos e dos dados de campo, o texto é escrito tendo como fio condutor o diálogo com Josué de Castro e sua importante obra “Homens e Caranguejos”.

O texto de Flávio Santiago e Maria Letícia Nascimento - “Percurso e deslocamentos de crianças negras de países africanos na Rede de Educação Infantil da cidade de São Paulo” - aborda a participação de crianças nos processos globais de migração, dando visibilidade às opressões e ao racismo estrutural presentes no Brasil. O artigo apresenta uma pesquisa em andamento sobre aspectos da migração transnacional relacionados às questões raciais e à ocupação de territórios na cidade de São Paulo. Como resultado, são discutidas as questões encontradas, como elementos para ampliar o campo dos estudos acerca de crianças migrantes menores de 7 anos.

O artigo de Roberto Sánchez Linares, Patrícia Medina Melgarejo e Miguel Hidalgo Castro, chamado “O arco-íris e o sol sempre me acompanham onde quer que eu vá” (Experiências de crianças deslocadas pela amarga colheita do açúcar, Oaxaca-México), convida-nos a conhecer as experiências de uma infância migrante

em contextos de trabalho agrícola relacionados com a colheita da cana-de-açúcar. Os autores indagam: quais são as experiências das crianças migrantes na busca da realização da vida? Observam que elas se inserem na estrutura operacional do trabalho e da vida infantil, reconhecendo seus sentimentos, pensamentos, relações inter e intrageracionais, reflexões, olhares, vozes e conhecimentos como crianças migrantes que têm ressignificado culturalmente os espaços, criando outras geografias. As crianças, compreendidas como atores sociais ativos, resistem e criam desde a concretude de suas propostas e demandas. Os autores realizaram um intenso trabalho de campo, utilizando diferentes procedimentos metodológicos, incluindo a representação gráfica como meio de diálogo, o que denominaram de desenho-história-entrevista, como dispositivo para o encontro com a infância.

Já Matusalam Pantevis Suarez e Diego Fernando Perez Trujillo compõem o texto dossiê “Do rio saí um duende e é verde...” (Construindo a Paz na Colômbia: narrativa das crianças em territórios de pós-conflito armado). Partem de uma pesquisa realizada numa comunidade na zona rural no Departamento do Huíla, no sul da Colômbia, na qual confluem ex-combatentes, que fazem parte do Acordo de Paz assinado entre o Governo e as FARC -EP, e camponeses, famílias, vítimas e atores sociais diversos que se envolvem, direta ou indiretamente, no conflito armado colombiano. As crianças não são alheias ao conflito e fazem parte do processo de pós-acordo sobre as vivências que elas têm nesses territórios. O artigo, por meio de ferramentas metodológicas de mapas, apreende as narrativas infantis que dão significado e sentido para a construção da paz.

O artigo “Migrações e educação: crianças indígenas Warao em Roraima”, de Deborah Esther Grajzer e Luciane Maria Schlindwein, aborda a intensificação do fluxo migratório venezuelano para o Brasil desde 2015, sobretudo na cidade fronteiriça de Pacaraima, no Estado de Roraima. A crise política, econômica e social, agravada com a escassez de alimentos e medicamentos no país de origem, é fator preponderante para esse movimento migratório. O artigo compreende e analisa as condições de vida impostas às crianças migrantes Warao que chegam ao Brasil e seu acesso à educação em uma escola em área de fronteira.

Já o texto “A severidade na educação escolar em Timor-Leste”, de Márcia Cavalcante e Alessandro Boarccaech, tem por objetivo analisar a percepção de estudantes universitários sobre a possibilidade do uso de castigos físicos pelos

professores das escolas primárias e secundárias de Timor-Leste. Com dados estarrecedores, a pesquisa denuncia que 94,4% dos participantes já sofreram algum tipo de castigo físico em sala de aula. Entre estes, 80,4% concordaram com a possibilidade de os professores agredirem fisicamente os alunos, desde que seja com o objetivo de ensinar os conteúdos das aulas ou corrigir comportamentos considerados desviantes ou inadequados aos padrões de conduta pré-estabelecidos, revelando como a violência disciplinante de corpos e mentes infantis está enraizada e normalizada na cultura escolar de Timor-Leste.

O artigo de Soraya Franzoni Conde e Karina Strohhaecker Lisa Alcubierre, intitulado “As correlações entre cultura, materialismo e educação a partir da situação de crianças migrantes em Santa Catarina e nos Estados Unidos da América”, busca discutir as categorias ‘cultura’ e ‘migração’ em relação às condições de vida e educação desde a perspectiva do materialismo histórico-dialético. O texto é parte de duas pesquisas sobre crianças migrantes, em Santa Catarina (Brasil) e nos Estados Unidos da América. As autoras destacam que as realidades pesquisadas, mesmo que por caminhos e objetivos distintos, denunciam a essência dos processos migratórios, ultrapassando a aparência superficial da liberdade de escolha individual por migrar. A migração na infância é expressão de um processo social de luta por melhores condições de vida e sobrevivência e expressa a imbricada relação entre classe, trabalho e cultura na análise do fenômeno migratório.

Convidamos leitores e leitoras para lerem estes atuais artigos que denunciam a situação de miséria, opressão, violência e exploração da infância migrante, refugiada, escolarizada em diversas situações e localidades globais. Conquanto as movimentações humanas não sejam algo recente na história da humanidade, é inaceitável que, na época do capitalismo de plataforma, do *Chat GPT* e de formas sofisticadas de inteligência artificial, seres humanos de pouca idade sejam forçados a migrar, refugiar ou morrer.

Entendemos que as migrações são sempre forçadas pela busca por melhores condições de sobrevivência. Seja por disputas bélicas, catástrofes ambientais (cuja maior parte tem origem na intervenção humana inadequada na natureza ou na desigualdade social que obriga parcelas populacionais a residirem em locais impróprios à moradia humana), crises econômicas, políticas e disputas religiosas,

são os/as desenraizados/as, pequenos/as e grandes, que perambulam pela sobrevivência.

Para nós, organizadores deste dossiê, para cada autor e autora que aqui escreve, para cada texto que forma as páginas virtuais desta obra, fica, neste momento de horror que estamos vivendo, nossas contribuições para pensar as cruzadas infantis, para compreender esse fenômeno tão humano! Mas fica, também, o registro histórico de nossa indignação e posição ética no viver das relações humanas. Não há como ser indiferente ao que está ocorrendo neste momento do planeta, em um local cujo nome é uma expressão que já expressa (aqui o jogo de repetição das palavras é intencional) a estreiteza do existir: a Faixa de Gaza! Viver em faixa, o vocábulo, por si só, já diz muito, assim como a foto que escolhemos para compor a capa desta revista: arames farpados! Em um artefato humano, muitas vidas perdidas e impedidas!

Começamos nossas palavras com Bertold Brecht. Talvez seja importante pedir desculpas a ele, que sempre denunciou as tragédias humanas, pois quem lê, neste momento, o fragmento que narra a *Kinderkreuzzug*, por ele registrada no primeiro quartel do século XX, vê a atualidade de suas escrituras. A descrição, mesmo que passada, é a mesma do presente. Querido Bertold Brecht, creio que falhamos em nossas cruzadas por um mundo outro, um outro mundo que você desejou! Mas tentamos e estamos tentando! Este dossiê é mais uma de nossas tentativas!

E é, parafraseando Brecht, que convidamos leitores/as/pesquisadores/as para uma pesquisa/ciência socialmente engajada na luta por um mundo melhor.

"eu defendo que a tarefa da ciência está em  
aliviar a miséria da existência humana"  
(Bertold Brecht).

“As pessoas são solitárias porque constroem  
muros ao invés de pontes”  
(Antoine de Saint-Exupéry).

#### **Organizadores**

Soraya Franzoni Conde  
(UFSC)

Maria Walburga Santos  
(UNESP)

Jader Janer Moreira Lopes  
(UFJF)

## Referências

- BRECHT, B. **A cruzada das crianças**. São Paulo: Ed. Pulo do Gato, 2014.
- MARX, K. **O capital. Crítica da economia política**: livro I. São Paulo, Boitempo, 2013.
- MESZÁROS, I. **Para além do Capital**. São Paulo: Boitempo. 2015.
- ONU. Migrantes internacionais somam 272 milhões, 3,5% da população global, aponta relatório da OIM. 2021. Disponível in: <https://brazil.iom.int/pt-br/news/migrantes-internacionais-somam-272-milhoes-35-da-populacao-global-aponta-relatorio-da-oim>. Acesso em: 10 jul. 2022.
- SALGADO, S. **Êxodos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- SAINT-EXUPÉRY, A. **O pequeno príncipe**. São Paulo: Ed. Via Leitura, 2015.
- SOBOROF, J. **Separated: inside an American Tragedy**. New York, NY: Custom house. Harper Collins Publishers, 2020.
- RAMOS, G. **Vidas Secas**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1938.
- REGO, J. L. do. **Meus verdes anos**. 2a. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957.
- UNICEF. Gaza tornou-se um cemitério para milhares de crianças e adolescentes, 2023. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/gaza-tornou-se-um-cemiterio-para-milhares-de-criancas-e-adolescentes>. Acesso em: 01 nov. 2023.

